Síntese Reflexiva da Primeira Parte do Curso de História da Filosofia Medieval

Professor: Saulo Fernandes Brito

Aluno: Lucas Aquino Mota Medeiros

“Esperando, esperei no Senhor”, diz o Salmo 39. Esse versículo resume a ansiedade que senti ao esperar que o senhor nos desse aula neste semestre e também de estudar Filosofia Medieval. Ainda não cessou minha espera de estudar o primo Tomás, mas há de chegar o momento… Deixo a sincera puxação de saco e inicio a breve síntese (o pleonasmo foi proposital).

A primeira mudança de visão que tive foi com relação à própria definição de Filosofia Medieval e posteriormente de Idade Média (e também das outras “Idades”). Pensava que Filosofia Medieval se dizia só com respeito ao período que ela compreende, longe de ser quanto ao seu conteúdo. A Idade Média, chamada Idade das Trevas, foi apelidada assim por um rapaz detrator da Igreja de nome Chritopher Cellarius na tentativa de “esconder” os feitos alcançados por ela. Inclusive, começar o curso pelo livro do Dr. Carlos Arthur foi muito bom. Ele também dá toda a base de como vai se desenvolver o curso.

A Filosofia Medieval recebe esse nome por sua característica essencial: relacionar fé e razão ou explicar o conteúdo da fé de modo racional, sempre atrelado às “revelações” (entre aspas, pois só uma é autêntica e completa: a cristão) judaica, cristã e islã. Essa tarefa teve seu precursor na figura do judeu-helênico Fílon de Alexandria e esse caráter se estenderá majoritariamente até Nicolau de Cusa, tendo seus dois grandes pilares em Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino.

Para além do conteúdo esplendoroso no que tange a disciplina em si, a maioria de nós, inclusive eu, passou a aguardar inquietamente o Angelus de quinta-feira, ao perceber que, desde o dia 26 de Agosto, uma graça atual desce e o ponto fora da curva do conteúdo se torna o maior *mind blowing* da quinzena (tempo médio entre eles). Apesar de terem acontecido alguns, nenhum supera o primeiro sobre o Chapéu do Mago. Eu saí sem rumo daquela aula.

Outra virada de chave fenomenal foram os comentários de Voegelin sobre as filosofias políticas modernas, que nada mais são do que gnose travestida e, precisamente, porque os grandes expoentes dessas doutrinas, entre eles Marx, Nietchz e o próprio Hitler, eram leitores ávidos de autores gnósticos e ocultistas. A necessidade de conhecer tais doutrinas para proteger o povo só se fez mais urgente.

Também aprendi um bocado sobre história da Igreja nas aulas dos Padres Capadócios, o que me dá abertura para comentar algo que gosto muito na tua abordagem e que foi expressa pelo Gilson no texto em que fala sobre Santo Agostinho, a noção de que a verdade é algo único, expressa pelo francês com “a verdadeira filosifa é a verdadeira religião e a verdadeira religião é a verdadeira filosofia” e assim temos a “filosofia cristã” de por Santo Agostinho. Essa sententeça poderia resumir todo o curso e todo esforço da Filosofia Medieval.

Por fim mais um momento emocional e que foi ainda mais marcante do que o do tarô, (mas que não ficou salvo no Microsoft Teams infelizmente) foi o dia em que chorastes em sala (14 de setembro) falando sobre a descoberta de Agostinho e o fim de nossas vidas: amar a Deus com todo o coração, toda a alma e todas as forças. Apesar de teres ficado embaraçado, foi um belo testemunho que ficará em nossas memórias por muito tempo

Muito obrigado por mostrar o caminho da verdadeira filosofia.